

SESSION 2022

---

**CAPES  
CONCOURS EXTERNE**

**SECTION : LANGUES VIVANTES ÉTRANGÈRES**

**PORTUGAIS**

**ÉPREUVE ÉCRITE DISCIPLINAIRE**

Durée : 6 heures

---

*L'usage de tout ouvrage de référence, de tout dictionnaire et de tout matériel électronique (y compris la calculatrice) est rigoureusement interdit.*

*Si vous repérez ce qui vous semble être une erreur d'énoncé, vous devez le signaler très lisiblement sur votre copie, en proposer la correction et poursuivre l'épreuve en conséquence. De même, si cela vous conduit à formuler une ou plusieurs hypothèses, vous devez la (ou les) mentionner explicitement.*

**NB : Conformément au principe d'anonymat, votre copie ne doit comporter aucun signe distinctif, tel que nom, signature, origine, etc. Si le travail qui vous est demandé consiste notamment en la rédaction d'un projet ou d'une note, vous devrez impérativement vous abstenir de la signer ou de l'identifier.**

**Tournez la page S.V.P.**

A

## INFORMATION AUX CANDIDATS

Vous trouverez ci-après les codes nécessaires vous permettant de compléter les rubriques figurant en en-tête de votre copie.

Ces codes doivent être reportés sur chacune des copies que vous remettrez.

► **Concours externe du CAPES de l'enseignement public :**

Concours	Section/option	Epreuve	Matière
E B E	0 4 3 3 E	1 0 1	9 3 1 1





## A/ COMPOSITION EN LANGUE ÉTRANGÈRE

### AXE : Vivre entre générations

À partir de l'axe indiqué, vous proposerez une problématique en vous fondant sur l'analyse et la mise en résonance des documents ci-dessous. Vous rendrez compte de votre réflexion en une composition structurée en langue portugaise.

## B/ TRADUCTION

Vous traduirez en français le document 1 de « Ela, a forte, que casara em hora... » (ligne 8) à « ... Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas!» (ligne 41).

### Documento 1

Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada. Cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e entumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

– Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. – Mamãe, que é isso! – disse baixo, angustiada. – A senhora nunca fez isso! – acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo que a velha não passava agora de uma criança.

– Ultimamente ela deu pra cuspir, terminou então confessando contrita para todos.

Todos olharam a aniversariante, compungidos, respeitosos, em silêncio.

30 Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Os meninos, embora crescidos – provavelmente já além dos cinquenta anos, que sei eu! – os meninos ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos – ainda mais fracos e mais azedos – haviam escolhido. Todas vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não aguenta a mão, aquelas mulherezinhas que casavam mal os filhos, que não  
35 sabiam pôr uma criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos – nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava.

– Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

– Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.

40 – Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. – Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy! – ordenou.

Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava.  
45 A festa interrompida, os sanduíches mordidos na mão, algum pedaço que estava na boca a sobrar seco, inchando tão fora de hora a bochecha. Todos tinham ficado cegos, surdos e mudos, com croquetes na mão. E olhavam impassíveis.

Desamparada, divertida, Dorothy deu o vinho: astuciosamente apenas dois dedos no copo. Inexpressivos, preparados, todos esperaram pela tempestade.

50 Mas não só a aniversariante não explodiu com a miséria de vinho que Dorothy lhe dera como não mexeu no copo.

Clarice Lispector, « Feliz aniversário », in *Laços de Família*,  
3<sup>e</sup> éd., Lisbonne, Ed. Cotovia, 2013, p. 54-56.

## Documento 2

O guarda, que era já madala velho, disse :

– Teu filho eu conheço. Como ele, não tem outro aqui. Regressa logo que acaba serviço. Ajuda a mulher...

5 Ela demorou os olhos no guarda. É verdade, ele disse depressa, ajuda mesmo. Outros chega, é só ficar ler jornal. E a mulher a morrer de trabalho. É bom assim, masseve? Agora é tudo difícil. A mulher acorda madrugada p'ra bichar. Vai na bicha do pão. Volta. Vai no bazar. Volta. Começa a cozinhar almoço. Hei, tem sal lá embaxo ! Desce. Tem resto de bastecimento ! Corre... Não pára nada ! Todo o dia de xicumbo. Homem com juízo ajuda, masseve. Maputo é Maputo mesmo.

10 Vovó Velina lembra no antigamente. Mulher fazia todo o serviço da casa e da machamba. Serviço do homem é no branco e no Jone. A mulher era para ouvir, respeitar, trabalhar muinto. No tempo da maçaroca, assar a mais grande, com dentes bonitos e dar o homem. Fazer assim com batata-doce também. Também com castanha e mandoinha<sup>1</sup>, scascar casca de dentro e não dar homem o qu'stá partido.  
15 Ferver ovos, depois 'scascar e ir pôr com sal e piri-piri. Se é galinha ou cabrito, é

---

<sup>1</sup> Mandoinha : amendoim.

preciso saber bem aqui é para o mulumusana<sup>2</sup> ; separar bem as partes que é para o homem. Não enganar nada se não quer receber porrada.

20 Saber dormir com homem, nascer filhos. É para isso que xicuembo fez mulher. Ser mulher é ter paciência no coração. Saber guentiar sofrimento. Não ir mbora quando é batido. Mas aoje, não. Nossas filhas dizem é mancipada. Põe calça parece homem. No caminho até homem leva bebé, a mulher com cigar na boca, – é mesmo mancipada ? No meu tempo, a mulher com bebé e cesto na cabeça, o homem só andar de trás, com fato, cachimbo e hop-stick. E depois tirar casaco e pendurar no ombro da mulher. Chiça ! Mulher parecia mesmo mbongolo de carregar os saco. Era  
25 assim mesmo no antigamente. Depois brincadeiras só mucadinho, brincar xingombela<sup>3</sup>, até o homem vir falar com o pai e lobolar. A gente não sabia nada mesmo. Era só ouvir este é teu marido. E se é coxo ? E se morreu um olho... Que fazer, Velina ? Era assim mesmo...

O guarda abriu a porta do elevador.  
30 – Sobe – disse – Vou ir contigo para não ter medo.  
Ao sair, Vovó Velina tremia. O guarda fez força para não rir.  
I-ma-ma-nááá ! I-ma-ma-ná ! I-ma-ma-nááá ! I-ma-ma-ná !  
Esta é quem ? É a minha nora ? Vovó Velina olhava para a mulher que vinha subindo as escadas a gritar :  
35 – I-ma-ma-nááá ! I-ma-ma-á !. . .  
Levava uma lata de água na cabeça. Com uma barriga de oito meses ! Subia como cágado, era da barriga grande e de estar cansada. Mas como ela ria !  
– Hoyo-hoyo<sup>4</sup>, mamana ! Hoyo-hoyo !  
Era o Ernesto abrindo a porta. Tinha na mão uma vassoura.  
40 Uma mão foi pegada pelo Ernesto e outra pela mulher.  
Entraram com ela, a rir, marido e esposa.  
Vovó Velina ficou até ao terceiro dia sem saber porque não zangou com a nora. Porquê ? Não era para vir mostrar-lhe os dentes que saíu de Macaneta, atravessou o Nkomáti, subiu comboio e chegou no Xilunguini.  
45 – Mamana, não falta muito vou ter bebé. Sonhei vai ser minina xonguile parece xiluva e xiphathati<sup>5</sup> parece nyeleti. Nome dela vai ser Velina.  
O coração da Vovó Velina ficou cheio de mel. Aí morreu a zanga : ao dizer aquilo, os olhos da Zabela eram doces, olhos de rola, olhos de minina da terra.

Suleiman Cassamo, « Vovó Velina », in *Le Retour du mort/O Regresso do Morto*, Paris, Ed. Chandeigne / Ed. Unesco, 1994, p. 126-128.

---

<sup>2</sup> *Mulumusana* : chefe de família.

<sup>3</sup> *Xingombela* : ritmo de dança em que intervêm homens e mulheres.

<sup>4</sup> *Hoyo-hoyo* : bem-vindo.

<sup>5</sup> *Xiphathati* : cintilante.

### Documento 3

Os jovens partiram em grupo para uma distribuição de panfletos e venda do *Avante!* nas ruas. Matilde quis acompanhá-los. Nessa manhã, tarefa não só dos jovens de Santa Efigénia como dos jovens de muitos pontos da cidade. Como sempre, grupos alegres e comunicativos, dirigindo-se às pessoas a entregar os papéis e a vender o jornal. Salvo muito raras exceções, todos eram bem acolhidos. Com diferenças, naturalmente. Mila distribuía e vendia sempre mais do que os outros. Não uma vez ou outra. Sempre. Estranho, porque os outros gritavam e ela falava em voz baixa.

5  
10 – Ouve lá! Que fazes tu para isso? – perguntou-lhe Berta com uma ponta de ciúme.

– Não faço nada – respondeu Mila.

Certo. Não fazia nada. Mas que culpa tinha de ser tão simpática?

Voltaram para o Centro enchendo-o de barulho e alegria. Era de entusiasmar a forma como a população da cidade os acolhera.

15 No grupo de camaradas idosos que todos os dias frequentavam o Centro, um comentou para outro:

– Não sei porquê, mas os jovens parecem-me agora mais bonitos.

– Não é porque te pareça. É mesmo porque o são – corrigiu outro.

20 Nesse grupo de pessoas idosas ao fundo da recepção havia um que, quando falava, era sempre para contar histórias da clandestinidade no tempo da ditadura. Vivera e conhecera algumas. As torturas na PIDE por vezes até à morte. Os assassinatos a tiro de destacados camaradas. Tempo de prisão que ia a quinze, vinte anos e mais. O campo de morte do Tarrafal em Cabo Verde onde morrera o secretário-geral do partido, Bento Gonçalves.

25 Sabendo que ele contava histórias, um jovem aproximou-se.

– Posso também ouvir?

– Senta-te aí, camarada. Tens ainda muito que aprender.

Ao cabo de algumas, disse o jovem:

30 – Nós precisamos de conhecer tudo quanto contas, para melhor compreender o que nos trouxe o 25 de Abril. Haverá ocasião para isso.

– Tens razão, camarada – concordou o velho.

– Mas agora, amigo, temos que concentrar as energias na luta presente e somos nós que estamos a fazer a revolução – concluiu o jovem. – Acabas de vê-lo no que foi a nossa distribuição.

35 Todo o dia os jovens viveram o resultado da manhã.

Manuel Tiago, *Um Risco na Areia*,  
Lisbonne, *Avante! « Resistência »*, 2000, p. 82-84.